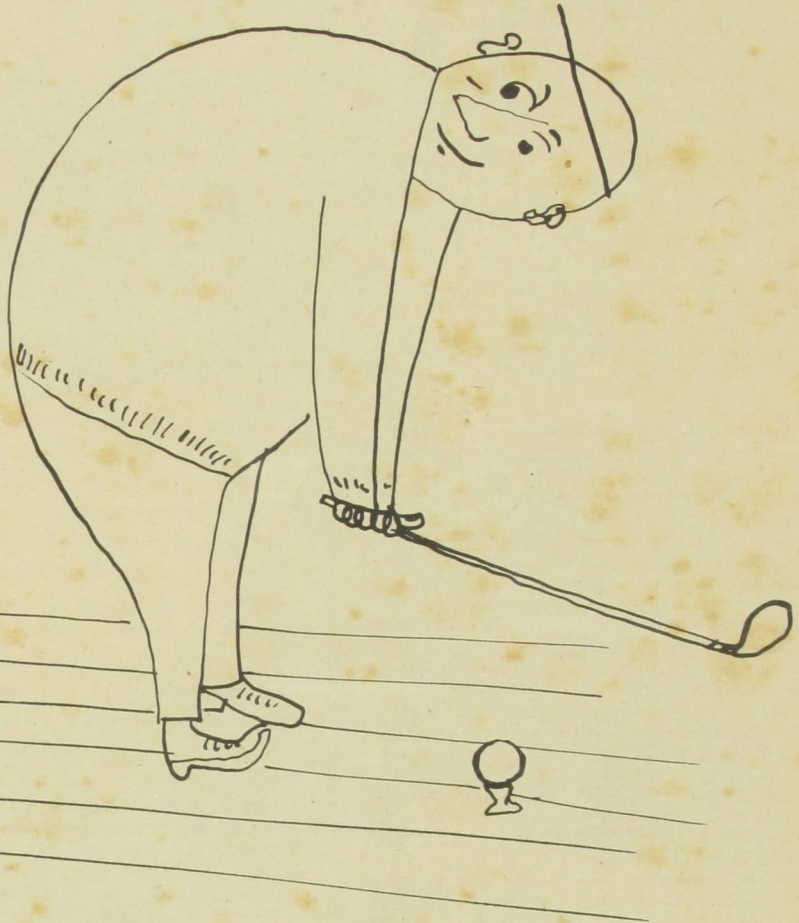


HR (Uma lembrança)  
DN - 15. 1.49  
200 e

2 PÁGINAS DE **Rubem Braga**  
COM DESENHOS DE ANAHORY



# A LONGAMENTE AMADA

Foi em sonho que revi a longamente amada; sentada numa velha canôa, na praia, ela me sorria com afeto. Com sincero afeto — pois foi assim que ela me dedicou aquela fotografia com sua letra suave de ginásiana.

Lembro-me do dia em que fui perto de sua casa apanhar o retrato, que me prometera na véspera. Esperei-a junto a uma árvore; chovia uma chuva fina. Lembro-me de que tinha uma saia escura e uma blusa de côr viva, talvez amarela; que estava sem meias. Os leves pelos de suas pernas lindas queimados pelo sol de todo o dia na praia, estavam arrepiados de frio. Senti isso mais do que v, e, entretanto, esta é a minha impressão mais forte de sua presença de quatorze anos: as pernas naquele dia de chuva, quando a grande amendoieira deixava cair na areia grossos pingos muito grandes. Falou muito perto de mim, e perguntei se tomara café; seu hálito cheirava a café. Riu, e disse que sim, com broas. Broas quentinhas, eu queria uma? Saiu correndo, deu a volta à casa, entrou pelos fundos, voltou depois (tinha dois ou três pingos de água na testa) com duas broas ainda quentes na mão. Tirou do seio a fotografia e me entregou.

Dei uma volta pela praia e pelas pedras para ir para casa. Lembro-me do frio vento sul, e do mar muito limpo, da água transparente, em maré baixa. Duas ou três vezes tirei do bolso a fotografia, protegendo-a com as mãos para que não se molhasse, e olhei. Não estava, como neste sonho de agora, sentada em uma canoa, e não me lembro como estava, mas era na praia e havia uma canoa. "Com sincero

afeto..." Comi uma broa devagar, com uma espécie de unção.

Foi isso. Ninguém pode imaginar porque sonha as coisas, mas essa broa quente que recebi de sua mão vinte anos atrás me lembra alguma coisa que comi ontem em casa de minha irmã. Almoçamos os dois, conversamos coisas da vida da cidade grande em que vivemos. Mas na hora da sobremesa a empregada trouxe melado. Melado da roça, numa garrafa tampada com um pedaço de sabugo de milho — e veio também um prato de aipim quente, de onde saía fumaça. O gosto desse melado com aipim era um gosto de infância. Lembra-me a mão longa de uma jovem empregada preta de minha casa: lembro-me quando era criança, ela me servia talvez aipim, então pela primeira vez eu reparci em sua mão, e como era muito mais clara na palma do que no dorso; tinha os dedos pálidos e finos, como se fosse uma princesa negra.

Foi no tempo da descoberta da beleza das coisas: a paisagem vista de cima do morro, uma pequena caixa de madeira escura, o grande tacho de cobre areado, o canário belga, uma comprida canoa de rio de um só tronco, tão simples, escura, as areias do córrego sob a água clara, pequenas pedras polidas pela água, a noite cheia de estrelas... Uma descoberta múltipla que depois se ligou tudo a essa moça de um moreno suave, minha companheira de praia.

Foi em sonho que revi a longamente amada; entretanto, não era a mesma; seu sorriso, e sua beleza que me entontecia haviam vagamente incorporado, atravessando as camadas do tempo, outras doçuras, um nascimento dos cabelos acima da orelha onde passei

meus dedos, a nuca suave, com o mistério e o sossêgo das noites antigas, os braços belos e serenos. Gostaria de descansar minha cabeça em seus joelhos, ter nas mãos o músculo meigo das pantorrilhas. E devia ser de tarde, e galinhas cacarejando lá fora, a voz muito longe de alguma mulher chamando alguma criança para o café...

Tudo o que envolve a amada nela se mistura e vive, a amada é um tecido de sensações e fantasias e se tanto a tocamos, e prendemos e beijamos é como querendo sentir toda sua substância que, entretanto, ela absorveu e irradiou para outras coisas, o vestido ruivo, o azul e branco, aqueles sapatos leves e antigos de que temos saudade; e quando está junto a nós imóvel sentimos saudade de seu jeito de andar; quando anda, a queremos de pé, diante do espelho, os dois belos braços erguidos para a nuca, ajeitando os cabelos, cantarolando alguma coisa, antes de partir, de nos deixar sem desejo mas com tanta lembrança de ternura ecoando em todo o corpo.

Foi em sonho que revi a longamente amada. Havia praia, uma lembrança de chuva na praia, outras lembranças: água em gótas redondas correndo sobre a folha da taioba ou inhame, pingos d'água na sua pele de um moreno suave, o gosto de sua pele beijada devagar... Ou não será gosto, talvez a sensação que dá em nossa boca tão diferente uma pele de outra, esta mais seca e mais quente, aquela mais unida e mansa. Mas de repente é apenas uma ginásiana de pernas ágeis que vem nos trazer o retrato com sua dedicatória de sincero afeto; essa que ficou para sempre impossível sem, entretanto, magoar, sombra suave entre morros.





José Lins do Rego Cavalcanti, filho e neto de senhores de engenho (seus quatro avós viveram mais de 80 anos) nasceu em 1901 no Engenho Corredor, em Pilar, Paraíba e ali viveu até os 9 anos uma vida não verdadeiramente exemplar mas de algum modo saudável. Órfão de mãe aos 7 meses, foi criado pela tia Maria na casa do avô (o velho Zé Paulino, do romance, na realidade um senhor de 9 engenhos) e daí até os 17 anos esteve interno, primeiro no Instituto Nossa Senhora do Carmo, em Itabaiana, depois no Colégio Diocesano, na capital, e por fim no Colégio Carneiro da Cunha, no Recife. Começou então a morar em pensão, estudar Direito, com boa mezada, fazer suas farras nos "Pernambucanos" e se meteu em agitações operárias sob a liderança do professor Joaquim Pimenta (veja-se "Moleque Ricardo") fundou com Osório Borba em 1922 o panfleto "Dom Casmurro" que acabou porque a polícia do governador Sérgio Loreto assaltou a oficina e jogou todos os tipos dentro do Capibaribe. Escrevia aos domingos no "Jornal do Recife", casou-se logo depois de formado com moça paraibana e sob a influência de Gilberto Freyre que chegara (1923) dos Estados Unidos travou conhecimento com outras literaturas. Nesse tempo Olívio Montenegro era juiz de fraque e Luís Jardim caixeiro de armarinho.

O sogro de José Lins, senador Massa, arranjou com o sr. Melo Viana um emprêgo para o genro; eil-o promotor em Manhuassú, na Zona da Mata, Minas Gerais. Seu amigo José de Queiroz Lima também emigra para ser juiz municipal em Manhuassú (pedido de Olegário Mariano e Mário Matos) e lá os dois conversam sobre Proust. Zé Lins tenta se meter na política mineira, tem atritos com Camilo Pimentel. Em 1926 é nomeado fiscal de bancos em Maceió, grande mamata: 800 mil réis por mês. E lá chega de bengala, costeleta e monóculo, citando Jules Laforgue; encontra-se com Valdemar Cavalcanti, Raul Lima, Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda, Diegues Junior, Aloísio Branco, mais tarde José Auto e Rachel de Queiroz. Em 1932 publica "Menino de Engenho" e ganha o Prêmio da Fundação Graça Aranha. Em 33 para 34 se entusiasma pelo integralismo, mas por poucas semanas: mete o páu no livro "O Esperado" de Plínio Salgado e passará a ser xingado pela imprensa verde, tendo certa feita "O Povo", do Rio publicado na primeira página que êle levára uma surra de Lúcio Cardoso. ("Mentira; só apanhei nas agitações operárias do Recife e depois aqui no Rio em sururú de futebol"). Publica "Doidinho" e um dia recebe um telegrama da Western que achou piada: um tal José Olympio propunha fazer uma reedição de 5.000 exemplares do "Menino" e contratar uma edição de 10.000 exemplares do próximo romance que êle escrevesse. Não era piada, era a glória, que "Banguê" veio consolidar.

Fiscal do imposto de consumo (nunca multou ninguém) pai de duas filhas casadas e uma solteira, secretário geral da C.B.D., ex-secretário geral do Flamengo, autor de 12 romances. O último, "Cangaceiros", apareceu na semana passada; ainda não li mas aconselho ao leitor, porque tudo de Zé Lins é sempre humano e bom. Traduzido em várias línguas, tem mania de entender de doenças e já pretendeu, sem resultado, estar sofrendo de várias. É o pior jogador de tênis do "Pirajá".

## O EPITÁFIO que não foi gravado

*TODOS sentiram quando a morte entrou  
com um fremito apressado de retardatária.  
A que tinha de morrer, — a que a esperava, —  
fechou os olhos  
fatigados de assistirem ao mal-entendimento da  
vida.*

*OS que a choravam sabiam-na sem pecado,  
consoladora dos aflitos,  
bôca de perdão e de indulgência,  
corpo sem desejo,  
voz sem amargor.*

*A que tinha de morrer fechou os olhos fatigados,  
mas tranquilos...  
Porque os que a choravam nunca saberiam  
o rancor sem perdão de sua bôca,  
o desejo saciado de seu corpo,  
o amargor de sua voz,  
a sua angústia de arrastar até o fim a alma postiça  
que lhe fizeram,*

*o seu cansaço imenso de abafar, secretos, na carne  
ansiosa,  
a perfeição e o orgulho de pecar.*

*A que tinha de morrer fechou os olhos para  
sempre  
e os que a choravam  
nunca souberam de alguém que foi de todos junto  
ao leito à hora do exausto coração parar  
o mais distante,  
o mais imóvel,  
o que não soluçou,  
o que não pôde erguer as pálpebras pesadas,  
o que sentiu clamar no sangue o desespero de  
sobreviver,  
o que estrangulou na garganta o grito dilacerado  
do solitário,  
o que depôs, sobre a serenidade da morte  
purificadora,  
a redenção do silêncio,  
como uma pedra votiva do sepulcro.*

Parece que não existe mais, ou não funciona, a "Sociedade dos Amigos de Felipe d'Oliveira". Publicando aqui o mais belo e famoso de seus poemas, queremos lembrar a êsses amigos, hoje dispersos, que é tempo de reeditar em um só volume os dois livros que êle deixou, "Vida Extinta" e "Lanterna Verde". Felipe d'Oliveira nasceu em Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul, em 1891 e morreu em um desastre de automóvel, em 1932, em uma estrada de França.

